

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT10.008](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT10.008)

ADAPTAÇÕES CURRICULARES NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

RAIMUNDA AURILIA FERREIRA DE SOUSA

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, professora adjunta da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, raimundaaurilia@uern.br;

KALENE CARLA FERREIRA LOPES

Graduada em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, kalenecarla@alu.uern.br;

RESUMO

As discussões elencadas nesse trabalho têm por objetivo compreender como ocorre o ensino aprendizagem de Geografia para estudantes com deficiência, refletindo sobre as metodologias utilizadas durante as aulas de Geografia no processo inclusivo e analisando a importância das adaptações curriculares para a inclusão de estudantes com deficiência. A pesquisa tem um caráter descritivo, com uma abordagem qualitativa, cuja metodologia utilizada se pautou na pesquisa bibliográfica. A Geografia, assim como a educação inclusiva, tem em sua história a marca da exclusão e um lento processo até a instauração de uma disciplina independente e consistente no sistema educacional brasileiro. Enquanto componente curricular, a Geografia é essencial na discussão do processo inclusivo, através de seus conceitos, contribuindo para a autonomia do educando, fazendo com que eles desenvolvam ainda mais sua consciência e reflitam sobre suas ações frente a sua realidade. A educação inclusiva considera a individualidade do alunado, respeita e valoriza as diferenças, importando que todos tenham a mesma oportunidade no desenvolvimento de sua aprendizagem, sendo necessário adaptar e flexibilizar conteúdos e atividades como estratégia para alcançar todos os estudantes. É necessário discutir cada vez mais o ensino da Geografia na perspectiva inclusiva, buscando através das práticas pedagógicas e metodologias, estratégias que proporcionem ao estudante condições de observar, relacionar e compreender o mundo a partir

de seu local de vivência. Assim, buscamos fazer uma reflexão acerca dessa temática que é tão importante na educação, através de adaptações curriculares que sejam acessíveis e inclusivas.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Educação inclusiva, Adaptação curricular, Geografia inclusiva.

INTRODUÇÃO

A Geografia, assim como a educação inclusiva, tem em sua história a marca da exclusão e um lento processo até a instauração de uma disciplina independente e consistente no sistema educacional brasileiro. Tornou-se disciplina com a fundação do Colégio Dom Pedro II, em 1837, no Rio de Janeiro. “As aulas tinham como eixo central estudos literários e a gramática clássica, os conhecimentos geográficos surgiam como ferramenta para descrever povos e territórios” (SANTIAGO, 2021, p.23).

As primeiras escolas brasileiras foram criadas para atender os filhos das elites, excluindo mulheres, negros e pobres. A geografia escolar se constitui nesse contexto segregador, partindo do modelo francês com os materiais didáticos e metodologias importados da França, ou seja, desvinculado da realidade brasileira.

O ensino aprendizagem de acordo com Santiago (2021, p.24) “se limitava a descrições superficiais da paisagem, observações dos aspectos físicos e memorização de conteúdo”. Um padrão descritivo refletido nos dias atuais em sala de aula, fazendo com que os estudantes tenham uma compreensão equivocada do ensino de Geografia, como se essa disciplina servisse apenas para decorar estados e capitais.

Esse breve contexto histórico é importante para entendermos como esses apontamentos ainda se reproduzem atualmente em sala de aula na construção das práticas docentes no ensino de Geografia, embora saibamos que essa disciplina tem um potencial enorme para discutir toda diversidade social, econômica e racial, onde os conceitos são problematizados e relacionados com o espaço de vivência dos estudantes.

As discussões elencadas nesse trabalho têm por objetivo compreender como ocorre o ensino aprendizagem de Geografia para estudantes com deficiência, refletindo sobre as metodologias utilizadas durante as aulas de Geografia no processo inclusivo e analisando a importância das adaptações curriculares para a inclusão de estudantes com deficiência.

A pesquisa tem um caráter descritivo, com uma abordagem qualitativa, cuja metodologia utilizada se pautou na pesquisa bibliográfica, na qual Marconi e Lakatos (2003) asseguram que “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e

relevantes relacionados com o tema”. Nesse sentido, o presente estudo é de suma importância no tocante a proposição de uma geografia cada vez mais inclusiva.

A GEOGRAFIA ESCOLAR E AS ADAPTAÇÕES CURRICULARES PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Geografia enquanto ciência cumpre um papel essencial na discussão da educação inclusiva como campo do conhecimento. Através dos seus conceitos-chaves, os sujeitos constroem seus saberes geográficos de maneira empírica, no cotidiano, cabendo ao professor identificar esses saberes prévios dos alunos adquiridos no dia a dia, sistematizar e realizar um plano de ação junto a equipe pedagógica para potencializar seu aprendizado.

Custódio e Régis (2016, p. 259) destacam que “a ciência geográfica deve ser entendida como uma disciplina que busca trazer para a sala de aula as expectativas e as experiências dos alunos, procurando reconhecer a diversidade do mundo e a realidade que nos cerca.” Estudar o espaço geográfico, o território, a região, o lugar e a paisagem são essenciais para a compreensão da sociedade e sobretudo romper com a exclusão. Conforme Cavalcanti (2012):

A prática cotidiana dos alunos é, desse modo, plena de espacialidade e de conhecimento dessa espacialidade. Cabe à escola trabalhar com esse conhecimento, discutindo, ampliando e alterando a qualidade das práticas dos alunos, no sentido de uma prática reflexiva e crítica, necessária ao exercício conquistado de cidadania (CAVALCANTI, 2008, p.45)

A Geografia precisa ser contextualizada com o cotidiano do estudante, que precisa entender do porque ele está desenvolvendo tal atividade, quais são os objetivos e em que aquele conteúdo se relaciona com sua vivência. É também uma possibilidade de buscar entender de que modo um fenômeno global se relaciona com a realidade de sua rua, seu bairro, sua cidade, compreendendo que o acontecimento em escala global está entrelaçado com o local. Quanto a Geografia escolar, Callai (2010) afirma que:

A geografia escolar, assim como a ciência geográfica, tem a função de estudar, analisar e buscar as explicações para o espaço produzido pela humanidade. Enquanto matéria de ensino cria as condições para que o aluno se reconheça como sujeito que participa do espaço em que vive e

estuda, e que pode compreender que os fenômenos que ali acontecem são resultado da vida e do trabalho dos homens em sua trajetória de construção da própria sociedade demarcada em seus espaços e tempos (CALLAI, 2010, p. 17).

Dessa maneira, a Geografia através do conhecimento científico e escolar, contribui para a autonomia do educando, fazendo com que eles desenvolvam ainda mais sua consciência e reflitam sobre suas ações frente a sua realidade. O professor de Geografia deve ser um mediador do conhecimento no processo de ensino aprendizagem, buscando formas diversas de incluir todos os estudantes, analisando como eles compreendem a escola e o seu lugar no mundo.

Além disso, o professor de Geografia é um importante sujeito na aplicação de conceitos e valores que defendam a igualdade de direitos e combatam a discriminação e as injustiças sociais, corroborando para que a Geografia propicie ao estudante uma maior percepção da realidade e do espaço produzido, através de práticas inclusivas. “Cabe ao professor de Geografia trabalhar com a formação cidadã dos alunos” (SAMPAIO; SAMPAIO; ALMEIDA, 2020, p. 219).

A responsabilidade de incluir não é apenas do professor, é importante que toda a comunidade escolar se relacione no processo inclusivo, criando condições de participação de todos os envolvidos para garantir uma aula acessível a todos, conforme afirma Melo e Sampaio (2007, p.128):

Garantir uma aula de Geografia acessível à todos com vistas a construir uma escola inclusiva juntamente com outros colegas docentes significa criar condições de participação de todos os membros da comunidade escolar, sejam eles surdos ou gordos, cegos ou baixos, negros ou brancos, deficientes mentais ou muito altos, paraplégicos ou hiperativos, superdotados ou de pés descalços, muito ricos ou com anorexia.

A educação inclusiva não parte do pressuposto de que todos aprendem da mesma maneira, ao contrário, em uma sala de aula cada estudante vai aprender à sua maneira, de acordo com sua interpretação do conteúdo estudado, algo específico da aula vai chamar mais atenção de um aluno, outro ponto da explicação fará mais sentido para o outro, e assim por diante. “As pessoas não são iguais. Mesmo as pessoas ditas normais são diferentes. E cada pessoa tem seu tempo também diferente de aprender” (MELO; SAMPAIO, 2007, p. 126).

A educação inclusiva considera a individualidade do alunado, respeita e valoriza as diferenças, importando que todos tenham a mesma oportunidade de

aprendizagem. Significa todos aprendendo juntos, ainda que de maneira diferente através das adaptações curriculares. Para que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento no processo de ensino aprendizagem é necessário adaptar e flexibilizar conteúdos e atividades como estratégia para alcançar estudantes com Necessidade Educacionais Especiais (NEE), seja por alguma deficiência, transtornos, altas habilidades ou apenas com alguma dificuldade de aprendizagem.

Quando realizamos essa adequação, levamos em consideração tanto a base comum curricular quanto a realidade e necessidade educacional de diferentes educandos de acordo com suas características individuais, sociais, culturais e seu ritmo de aprendizagem, criando a possibilidade de uma sala de aula inclusiva com todos os estudantes sendo protagonistas em seu próprio processo educacional.

Um currículo na perspectiva inclusiva deve priorizar as adequações, adaptações, ajustes, modificações ou suplementos, atuando frente as necessidades de aprendizagem dos educandos com ações educativas que visem potencializar as habilidades e competências estudantis.

Adaptar é uma ferramenta fundamental no processo inclusivo, está previsto por lei no artigo 59, inciso I, no qual reafirmamos que: Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos para atender às suas necessidades. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresenta as adequações como uma importante ferramenta inclusiva, evidenciando o professor como protagonista desse processo, visto que ele precisa fomentar:

estratégias e critérios de atuação docente, admitindo decisões que oportunizam adequar a ação educativa escolar às maneiras peculiares de aprendizagem dos alunos, considerando que o processo de ensino aprendizagem pressupõe atender à diversificação de necessidades dos alunos na escola (BRASIL, 1998, p. 15).

As adequações curriculares são, portanto, modificações, alterações e ajustes que possibilitam a aprendizagem dos educandos de acordo com suas peculiaridades. Conforme afirma Glat (2007, p. 44-45), as adaptações curriculares “envolvem modificações organizativas, nos objetivos e conteúdos, nas metodologias e na organização didática, na organização do tempo e na filosofia e estratégias de avaliação”.

O planejamento e ações docentes devem seguir alguns critérios como: o que o aluno deve aprender? Como e quando aprender? Quais estratégias são mais eficientes? Como e quando avaliar? Ocorrem no âmbito do currículo escolar, no currículo desenvolvido em sala de aula e de forma individual (BRASIL, 2003).

As adaptações curriculares são reconhecidas como de pequeno porte (pouco significativas) e de grande porte (significativas). As adaptações realizadas na escola sob a responsabilidade do professor com pequenas modificações no currículo, conteúdos e atividades são consideradas (não significativas) e são classificadas de acordo com BRASIL (2003) em:

- Organizativas – busca contribuir com o processo de ensino aprendizagem, a exemplo: a dinâmica da aula a partir de grupamento para a realização de atividades, com conteúdos dispostos a atender as necessidades educacionais do educando.
- Relativas aos objetivos e conteúdo – são aquelas por exemplo que eliminam conteúdos menos relevantes, priorizando o que é essencial para o educando com deficiência aprender no momento oportuno.
- Adequações avaliativas – Pressupõe a escolha das técnicas e ferramentas utilizadas para avaliar o aluno.
- Adequações nos procedimentos didáticos e nas atividades de ensino aprendizagem – dizem respeito ao modo como os componentes curriculares são ensinados.
- Adequações na temporalidade – tratam do tempo previsto para a realização das atividades ou conteúdo.

As adequações de grande porte (significativas) acontecem no âmbito político administrativo, em instâncias superiores, quando as adequações de pequeno porte não são suficientes para atender as necessidades do educando de forma a incluí-lo no contexto educacional. As adequações significativas de acordo com BRASIL (2003), são classificadas em:

- Adequações relativas aos objetivos – indicam modificações no planejamento quanto aos objetivos, podendo ser eliminados, alterados e substituídos por outros alternativos, não previsto para os demais estudantes.

- Adequações relativas aos conteúdos – trata-se da introdução ou eliminação dos conteúdos de forma a incluir o estudante.
- Adequações relativas à metodologia – quando implicam uma alteração expressiva na atuação docente com a introdução, alteração ou organização de métodos específicos para atender as necessidades particulares do educando.
- Adequações significativas na avaliação – relacionadas aos objetivos e conteúdos modificados, deve ser realizada de acordo com as possibilidades de aprendizagem particulares do educando.
- Adequações significativas na temporalidade – refere-se ao ajuste temporal em que o educando realiza e entrega seus trabalhos e atividades, considerando que seu ritmo de aprendizagem difere dos demais.

A escola precisa em caráter de urgência repensar, organizar e desenvolver adaptações curriculares, pois é responsabilidade do sistema educacional reconhecer as diferenças individuais de qualquer origem dentro da diversidade encontrada em sala de aula, sendo necessário “rever sua estrutura, organização, e projeto político-pedagógico; atualizar seus recursos didáticos, metodologias, estratégias de ensino e práticas avaliativas; e, sobretudo, repensar as suas escolhas curriculares” (GLAT, 2007, p.42).

É dever do professor incluir seu estudante com NEE através de ações que proporcionem a participação plena do mesmo nas atividades cotidianas, desempenhando bons resultados. Percebemos ao realizarmos a pesquisa bibliográfica sobre adaptações de atividades e conteúdo, que grande parte dos trabalhos são voltados para estudantes com deficiência auditiva e visual com enfoque na cartografia tátil, contudo precisamos desenvolver metodologias que abarquem todos os estudantes com e sem deficiência.

ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO DOS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA NA ESCOLA

Diante das necessidades dos educandos, as avaliações devem ser contínuas e articuladas com adaptações instrumentais, avaliações escritas com texto reduzido de maneira clara e objetiva, através de expressões artísticas, uso da oralidade

e avaliações com um prazo maior para execução. O professor deve proporcionar as mesmas oportunidades oferecidas aos demais, inclusive o mesmo conteúdo.

É importante considerar as características particulares individuais para realizar as adaptações. O estudante pode necessitar de um maior tempo, de mediação nas atividades, há casos de estudantes que não são alfabetizados, mas que conseguem dialogar, debater nas aulas, necessitando que suas avaliações aconteçam oralmente, além da redução do número de questões e utilização de recursos diferenciados.

Sugere-se que o texto deve está separado da questão, com o conteúdo relacionado as questões cotidianas e as imagens fazendo correspondência com o texto escrito. A metodologia a ser trabalhada nas aulas de Geografia pode e deve variar de acordo com as necessidades do educando, não existe uma receita pronta, uma única estratégia, pois cada estudante é único em suas dimensões e cada deficiência ou transtorno tem suas características próprias (CARRIERE; GARCIA, 2016).

De maneira geral, é necessário que o professor tenha uma linguagem clara e objetiva, essa não deve ser sofisticada nem metafórica para facilitar a compreensão do alunado, o professor também deve fazer uso de gestos, expressões e diversos outros recursos que estejam disponíveis e que possa auxiliar no processo de ensino aprendizagem, conforma aponta Carriere e Garcia (2016).

O recurso áudio visual, por exemplo, é uma ótima ferramenta para trabalhar a paisagem, fazendo com que os estudantes consigam diferenciar a paisagem urbana da paisagem rural a partir do seu cotidiano, assim como a utilização de vídeos, filmes, maquetes, jogos para os mais diversos conteúdos, enfim, utilizando a tecnologia para potencializar a aprendizagem (CUSTÓDIO; REGIS, 2016). Nesse sentido, Lisboa, Lisboa, Silva (2020) apontam algumas possibilidades didáticas, sendo ferramentas facilitadoras possíveis de serem executadas em sala de aula pelo (a) professor (a) de Geografia e englobando diversos outros estudantes com e sem deficiência.

Quadro 1 – Ferramentas didáticas inclusivas

Cartografia Inclusiva	Noções espaciais a partir da leitura de mapas e gráficos são de grande importância na conquista da autonomia. Para promover o acesso do estudante com deficiência auditiva a uma leitura cartográfica inclusiva, o mapa produzido deve compor o título, a legenda e outros elementos apresentados em Libras, proporcionando um maior aprendizado
-----------------------	--

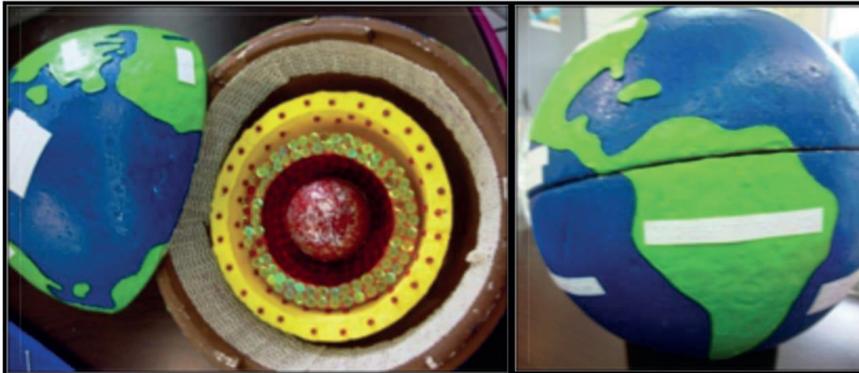
Maquete	A maquete a partir de sua representação tridimensional possibilita ao estudante uma visão de mundo a partir da temática proposta pelo professor em sala de aula, além de desenvolver a criatividade, imaginação e o raciocínio crítico.
Charge, tiras e Quadrinhos	Esse tipo de leitura faz parte da nossa vida desde a primeira infância se perpetuando até a fase adulta, é uma ferramenta facilitadora da aprendizagem, por se tratar de uma leitura leve prazerosa e que se relaciona com o cotidiano do estudante. Numa perspectiva inclusiva é recomendado que esse segmento seja composto por poucas palavras, frases curtas, possibilitando a compreensão e interpretação por meio das imagens.
Visita de campo	A aula no campo de pesquisa complementa o conteúdo aplicado pelo professor de Geografia em sala de aula possibilitando que o estudante desenvolva suas interpretações sobre o espaço geográfico partindo da observação, descrição e comparação.
Jogos e Ludicidades	Um exemplo de jogo a ser trabalhado na aula de Geografia tem como método a utilização de imagens antigas e atuais onde os alunos iriam reconhecer, relacionar os espaços produzidos e as transformações ocorrida nesse processo. A mudança na paisagem a partir da operação das técnicas e tecnologias e a influência destas na organização social, econômica e cultural
Filme	O filme são relevantes ferramentas didáticas por serem repletos de informações e representações geográficas. A partir deles é possível desenvolver a percepção e o raciocínio crítico dos estudantes sobre o que é real e ficção, o ideal seria que esses filmes tivessem uma janela com interprete de Libras, muitos só possuem legendas em português.

Fonte: Lisboa, Lisboa, Silva (2020)

Para além do que está posto, a cartografia tátil também é uma excelente ferramenta didática para o ensino aprendizagem de estudantes cegos e/ou com baixa visão, e podem ser produzidos pelos próprios alunos, utilizando elementos que contenham textura, a exemplo do algodão, esponja, sementes e cereais para compor mapas, gráficos, não esquecendo do título e legenda.

Custódio e Regis (2016) trazem como proposta metodológica de inclusão a utilização de um globo terrestre tátil com camadas internas da terra (figura 1), produzido com esferas de isopor, cola, tintas, massa de biscuit, missangas, lantejoulas e etc., passível de ser utilizado na aula de Geografia na explanação de conteúdos diversos. Esse recurso permite a compreensão e a participação do estudante com deficiência visual através do toque em diferentes texturas, tamanhos e formas, ao mesmo tempo que desperta a atenção e a curiosidade dos demais estudantes também através das cores, de maneira que todos estarão aprendendo juntos, com a mesma oportunidade de acesso ao conhecimento.

Figura 1 – Globo terrestre tátil de isopor



Fonte: Custodio e Regis (2016)

Os jogos trazem muitos benefícios as aulas de Geografia, contribuindo para o desenvolvimento do raciocínio lógico, a observação, o trabalho em equipe, etc. podem ser confeccionados pelos próprios alunos com materiais de fácil acesso. O Tetris (figura 2) estimula a identificação de formas, tamanhos e posições, pode ser utilizado para conceituar o território e o espaço, saindo do abstrato com materiais palpáveis (JUNIOR, SPINELLI, 2016).

Figura 2 – Jogo Tetris



Fonte: Junior e Spinelli (2016)

Esses jogos, Segundo Junior e Spinelli (2016) são ferramentas que auxiliam a criatividade, as práticas espontâneas dos estudantes e também possibilitam o desenvolvimento das funções simbólicas. Além de tornar a aula mais dinâmica, menos enfadonha, auxiliando o professor no desenvolvimento de sua prática inclusiva. Essas estratégias são algumas sugestões dentre muitas outras possibilidades que podem ser utilizadas considerando a realidade dos sujeitos envolvidos no processo de construção de materiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso sistema educacional obedece a uma estrutura curricular fechada que precisa ser seguida pelos estudantes em um período de tempo determinado. Com o risco de reprovação, seus conhecimentos são medidos em relação ao currículo e comparados entre os estudantes. Porém, como já dissemos, cada sujeito é único e tem seu próprio ritmo e jeito de aprender, daí a importância de adaptar o currículo, conteúdos e atividades para torná-lo apropriado. Um currículo inclusivo requer uma série de adequações considerando a diversidade, necessidade e circunstância específica de cada estudante, só assim é que será oferecido de fato o acesso a igualdade de oportunidades.

Independente da metodologia, recursos ou instrumentos escolhidos, o professor deve reconhecer seu estudante enquanto sujeito capaz de aprender e a partir disso buscar estímulos que auxiliem no desenvolvimento da aprendizagem. Podemos observar através das leis que foram implantadas, um avanço na perspectiva da educação inclusiva, por isso não podemos retroceder, é preciso ressignificar os conceitos para exterminar qualquer forma de discriminação e fazer da escola inclusiva uma realidade, possibilitando igualdade de direitos e oportunidades no desenvolvimento da aprendizagem a partir das diferenças e com forte contribuição da Geografia nesse processo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Salete Fábio. (Org.) **Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais** / coordenação geral: SEESP/MEC; Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares:** estratégia para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília, 1998.

CALLAI, Helena Copetti. A geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; MORAES, Loçandra Borges de. (Org.). **Formação de professores:** conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Goiânia: NEPEG, 2010, p. 15-38.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola.** Campinas, SP: Papyrus, 2012

CUSTÓDIO, G. A; RÉGIS, T. C. Recursos didáticos no processo de inclusão educacional nas aulas de Geografia. In: NOGUEIRA, Ruth Emília (Org.). **Geografia e inclusão escolar:** Teoria e práticas. Florianópolis: edições do Bosque/CFH/UFSC, 2016. p. 258-279

GLAT, Rosana. **Adaptações Curriculares no contexto da educação inclusiva.** I.INES 150 anos - Educação - Congresso: I. Instituto Nacional de Educação de Surdos (Brasil). Divisão de Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro 2007.

LISBÔA, B.L.C.; LISBÔA, G.L.P.; SILVA, G.R. Possibilidades didáticas no ensino de Geografia para estudantes surdos. **Revista Brasileira de Educação em Geografia,** Campinas, v. 10, n. 20, p. 399-410, jul./dez., 2020

MELO. A. Á.; SAMPAIO, A. C. F. Educação inclusiva e formação de professores de geografia: primeiras notas. **Caminhos de Geografia - Revista Online,** Uberlândia, v. 8, n. 24, p. 124-130, DEZ/2007.

SAMPAIO, V. S; SAMPAIO, A. V. O; ALMEIDA, E. S. O ensino de Geografia na perspectiva da Educação Inclusiva. **Geopauta,** Vitória da Conquista, ISSN: 2594-5033, V. 4, n.3, 2020, (p. 210-226) Acesso: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/geo>

SANTIAGO, Izis Thelma Araújo. **A Geografia física crítica como estratégia pedagógica para inclusão escolar.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociência, 2021, p.157.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Currículo escolar na perspectiva da educação inclusiva.** Guia (Projeto Instrucional – Especialização em Educação Inclusiva). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2022.